

LUKÁCS, György. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. São Paulo, Boitempo, 2010. 414 p.

Vitor Bartoletti Sartori *

Lukács é conhecido no Brasil principalmente por seu livro *História e consciência de classe*. No entanto, seu “Prefácio” de 1967 para o referido livro tem ressalvas importantes quanto ao texto, ressalvas que nem sempre são consideradas com o devido cuidado. Aqui, porém, somente cabe ressaltar uma limitação essencial para que o devido cuidado na apreciação do texto não tenha acontecido no Brasil: nenhuma das principais obras do autor húngaro – como *Estética*, *Ontologia do ser social* e *Prolegômenos para uma ontologia do ser social* – estavam disponíveis para o leitor de língua portuguesa. No que o primeiro ponto a ser destacado quanto à publicação de *Prolegômenos para uma ontologia do ser social* é: com a publicação da obra, não é mais possível um apoio tão decidido a *História e consciência de classe* sem que se trate dos argumentos apresentados pelo filósofo marxista em sua fase madura. Agora, as possibilidades para um diálogo de qualidade sobre a obra do autor húngaro estão, em parte, dadas. A partir de agora, visões unilaterais acerca de Lukács só podem ser mal intencionadas – é possível sustentar tanto o Lukács “jovem” quanto o Lukács “maduro”, não há dúvida. No entanto, a obra editada pela Boitempo torna, como indicam Ester Vaisman e Ronaldo Vielmi Fortes na “Apresentação”, impossível que se aceitem críticas rasteiras feitas à obra tardia de Lukács. As críticas de Heller, Markus, Feher e Vajda (as quais, ao que tudo indica, teriam sido incorporadas por pensadores como Habermas) perdem sua fundamentação. Com *Prolegômenos para uma ontologia do ser social* o nível do debate acerca da obra do autor húngaro dá um salto qualitativo.

Isso é possível também devido à qualidade da publicação. As notas de Vaisman e Fortes são elucidativas e remetem a um estudo aprofundado da obra tardia de Lukács. A iniciativa de trazer à tona o pensamento ontológico do pensador húngaro, pois, já demonstra que aqueles envolvidos no projeto têm um estudo rigoroso, o que, esperamos, pode resultar em mais traduções e publicações de obras do autor. A tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento, revisada por Ronaldo Vielmi Fortes e Nélcio Schneider, também é de qualidade – feita diretamente do alemão, trata-se de um trabalho cuidadoso, que sempre busca fidelidade ao texto original e, em notas de rodapé, avisa o leitor acerca das possíveis dificuldades na tradução do original. No que se deve dizer também que o “Posfácio” da obra é de um dos maiores estudiosos de Lukács no mundo, Nicolas Tertulian.

Resumindo essas anotações iniciais: a obra de Lukács, *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*, publicada em outubro de 2010 pela Boitempo, possibilita uma grande melhora na qualidade do debate sobre a obra do autor húngaro.

Não é só, porém.

Em plena maré “pós-moderna”, aparece no Brasil um estudo que busca uma ontologia; em outros termos, em tempos de “crise do sujeito”, “crise de paradigmas” é publicada uma obra em que o autor não busca nenhum “paradigma” para a atividade cognoscente: parte do próprio ser. Na obra discute-se o modo como se apreende de distintas maneiras a realidade, certamente. Entretanto, tais modos aparecem relacionados à constituição objetiva e histórica do ser social de maneira que a própria dificuldade de se compreender os nexos reais no cotidiano, por exemplo, é vista em sua concretude histórica e social. Percebe-se: a noção de ontologia aparece de maneira muito distinta na obra. O que o autor húngaro busca explicitar na medida em que se afasta daquilo que Husserl, Scheler e Heidegger entendem por ontologia, por exemplo. Diz Lukács – pensando, sobretudo, em Heidegger –, que as concepções de ontologia que daí advêm, cuja influência teria sido enorme no século XX, “partem essencialmente do indivíduo isolado, entregue a si mesmo, cuja ‘derrelição’ no mundo habitual (natureza e sociedade) deve formar seu verdadeiro ser, como a questão fundamental da filosofia” (Lukács, 2010, p. 35). Os propósitos do autor húngaro, como marxista, seriam opostos². Um dos méritos da obra de Lukács é deixar claro

o que se pode entender por “ontologia” – não é fortuito, pois, que o subtítulo da obra seja justamente “questões de princípio para uma ontologia hoje tornada possível”. György Lukács, nesta esteira, vê o ser como essencialmente histórico e processual. Junto com Heidegger, o autor húngaro se opõe à concepção hegeliana segundo a qual o ser seria carente de determinações – porém, contrariamente a Heidegger, e com Marx, Lukács insiste que “um ser não objetivo é um não ser”, afirmando a objetividade e a processualidade de todo ser. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*, neste ponto, presta um serviço essencial: na obra, a própria ideia de ontologia é debatida e esclarecida de modo que se afasta um uso descuidado da noção. Trata-se, assim, de uma obra em que se prepara o terreno para se colocar à prova a tradição marxista diante do melhor da filosofia burguesa: propiciam-se, com base em uma ontologia, debates com autores da filosofia clássica como Hegel e Kant, com neopositivistas como Carnap e com pensadores como Hartmann e Heidegger, os quais buscaram também desenvolver ontologias³.

No campo marxista, a repercussão da obra também pode ser grande na medida em que se trata de categorias centrais ao pensamento de Marx, como trabalho, ideologia e história. A categoria do trabalho é vista na medida em que se apresenta como uma das determinações do ser social, possuindo caráter intermediário entre o ser biológico e o ser propriamente social (neste âmbito, o autor húngaro trata das noções de teleologia, causalidade, alternativas, entre outras, relacionando-as àquilo que, na esteira de Marx, chama de “recuo das barreiras naturais”). A categoria é de enorme importância para o pensador marxista. No entanto, após a leitura de *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*, percebe-se com clareza: não se pode, em hipótese alguma, reduzir a contribuição ontológica do autor àquilo que vem sendo chamado de “centralidade da categoria do trabalho” – a própria noção de “categoria” é tratada na obra de maneira rigorosa, partindo da concepção de Marx segundo a qual as categorias seriam “formas do ser, determinações de existência”; disto, pode-se dizer, o autor húngaro retira muitas consequências, que se concatenam na obra de maneira muito proveitosa.

Um desses momentos interessantíssimos é aquele, por exemplo, em que Lukács trata das “categorias modais”: a possibilidade, a necessidade, a casualidade. Ao tratar dessas categorias, o autor mostra como o marxismo se afasta das filosofias da história e do marxismo dogmático e vulgar, em que se hipertrofia a noção de necessidade, a qual passa a ser interpretada como uma “necessidade absoluta” (interpretação esta que relaciona, inclusive, com elementos religiosos). Ou seja, tratando das categorias como “formas do ser, determinações de existência”, o pensador distancia-se da posição idealista segundo a qual as categorias seriam construtos mentais (noção, em verdade, basilar às concepções atuais da filosofia, em que se professa a “crise do sujeito”, a “crise dos paradigmas”, afastando-se da própria apreensão do ser real). Ao tratar das categorias, Lukács abre espaço para a dialética na medida em que o próprio movimento do real é visto como tal, em sua complexidade histórica e processual. Veja-se: em oposição aos “modelos” do marxismo vulgar, em que haveria fases sucessivas e obrigatórias na história, o autor húngaro vai à própria concretude, sempre histórica, do ser social, buscando enxergar como operam efetivamente as categorias da casualidade, da necessidade e da possibilidade. Assim, a história não aparece como uma narrativa evolucionista e determinista: aflora sua complexidade e contraditoriedade.

Ao tratar das “categorias modais” Lukács põe o leitor diante de aspectos do pensamento de Marx talvez nunca tratados como deveriam. É mesmo possível dizer que criticar Marx por ser determinista, por ter uma concepção linear da história e por colocar a necessidade em primeiro plano torna-se absolutamente insustentável depois que se lê este “testamento filosófico” de Lukács, como Nicolas Tertulian qualifica os *Prolegômenos*.

Por fim, deve-se destacar que na obra, também contra as tendências da filosofia contemporânea, trata-se da noção de gênero (humano). O autor trata da superação do gênero natural no gênero propriamente humano por meio da práxis e daquilo que chama de “adaptação ativa”. O gênero propriamente humano, o “gênero não mais mudo”, para Lukács, não é dado – é algo cuja gênese está na constituição processual do próprio ser social. Deste modo, é histórico. Aparecem, assim, importantes bases para, contra a filosofia e a teoria contemporâneas, podermos voltar a falar desavergonhadamente de humanismo. Falar de “gênero humano” perde seu caráter idealista. Para Lukács, a genericidade do ser social não é senão a expressão de sua crescente socialização, a qual somente poderia se apresentar como autêntica quando há um mútuo enriquecimento da individualidade e do gênero humano; não um conflito em que o incremento das possibilidades humanas se dá com o diuturno aviltamento da personalidade, como ocorre sob a égide do capital.

* Mestrando em história na PUC-SP e doutorando em teoria geral e filosofia do direito na USP. Autor de *Lukács e a crítica ontológica ao Direito*. E-mail: schopenhauer7@yahoo.com.br.

2 A questão não pode ser tratada aqui com a profundidade necessária. No entanto, é necessário apontar uma ressalva de Lukács quanto à questão. O filósofo húngaro vê uma distinção essencial de Husserl quanto aos dois outros pensadores: diz o autor da obra aqui resenhada, logo depois da passagem citada acima, que Husserl “lutou com obstinação intelectual quase heroica contras essas consequências”, a saber, as consequências da concepção de uma ontologia calcada na noção de “derrelição” no mundo (Lukács, 2010, p. 35).

3 Tais debates estarão presentes, e serão marcantes, sobretudo, na *Ontologia do ser social*, estudo cuja fundamentação está justamente na obra recém-publicada e aqui resenhada.

Por essas razões, e outras, *Prolegômenos para uma ontologia do ser social* é uma obra essencial na formação verdadeiramente crítica e, pode-se mesmo dizer, humanista. Diante da ofensiva contemporânea do capital, isso é fundamental.